



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
AOS PARTICIPANTES DO CONGRESSO INTERNACIONAL PROMOVIDO
PELA FUNDAÇÃO CENTESIMUS ANNUS PRO PONTIFICE**

*Sala Clementina
Sábado, 22 de junho de 2024*

[Multimídia]

Saúdo e agradeço à Presidente, Senhora Anna Maria Tarantola, e saúdo todos vós que participais na Conferência internacional anual da Fundação *Centesimus Annus Pro Pontifice*. O tema deste ano é “A inteligência artificial e o paradigma tecnocrático: como promover o bem-estar humano, o cuidado da natureza e um mundo de paz”.

É um tema que merece atenção especial, pois a IA tem influência disruptiva sobre a economia e a sociedade e pode ter impactos negativos sobre a qualidade de vida, as relações entre as pessoas e entre os países, a estabilidade internacional e a casa comum.

Como sabeis, abordei o desenvolvimento tecnológico na Encíclica *Laudato si'* e na Exortação Apostólica *Laudate Deum*, e a IA na *Mensagem para o Dia Mundial da Paz* deste ano e, há poucos dias, no *discurso ao G7*.

Aprecio que a *Centesimus Annus* tenha dado amplo espaço a esta matéria, envolvendo estudiosos e peritos de vários países e disciplinas, analisando as oportunidades e os riscos ligados ao desenvolvimento e à utilização da IA, com uma abordagem transversal e sobretudo com um olhar antropocêntrico, e tendo presente o perigo de um fortalecimento do paradigma tecnocrático.

A análise multidisciplinar é essencial para compreender todos os aspetos atuais e prospetivos da IA, os benefícios que pode trazer em termos de produtividade e crescimento, e os riscos que

pode acarretar, para identificar as formas éticas corretas de desenvolvimento, utilização e gestão.

Na [Mensagem para o último Dia da Paz](#), eu quis falar de algor-ética, para indicar a absoluta necessidade de um desenvolvimento ético dos algoritmos, em que os valores orientem os percursos das novas tecnologias.

No [discurso ao G7](#) salientei os aspetos críticos da Inteligência Artificial, realçando que ela é e deve continuar a ser um instrumento nas mãos do homem. Como outros utensílios-chave ao longo dos milénios, também este testemunha a capacidade que o ser humano tem de ir além de si próprio, da sua “ulterioridade”, podendo provocar grandes transformações, positivas ou negativas. Neste segundo sentido, a IA poderia reforçar o paradigma tecnocrático e a cultura do descarte, a disparidade entre nações avançadas e em desenvolvimento, e a delegação às máquinas de decisões essenciais para a vida humana. Por isso, afirmei a absoluta necessidade do desenvolvimento e da utilização ética da IA, convidando a política a tomar medidas concretas para governar o processo tecnológico em curso, no sentido da fraternidade universal e da paz.

Neste contexto, a vossa Conferência contribui para aumentar a capacidade de apreender os aspetos positivos da IA e de conhecer, mitigar e gerir os riscos, dialogando com o mundo da ciência para identificar em conjunto os limites a colocar à inovação, se ela for prejudicial à humanidade.

Stephen Hawking, famoso cosmólogo, físico e matemático, afirmou: «O desenvolvimento da IA completa poderia significar o fim da raça humana... Iria em frente sozinha, reprojando-se a um ritmo cada vez maior. Os seres humanos, limitados por uma lenta evolução biológica, não poderiam competir e seriam superados» (entrevista à BBC). É isto que queremos?

A questão fundamental que se apresenta é a seguinte: *para que serve a IA?* Serve para satisfazer as necessidades da humanidade, a fim melhorar o bem-estar e o desenvolvimento integral das pessoas, ou serve para enriquecer e aumentar o já elevado poder de poucos gigantes tecnológicos, não obstante os perigos para a humanidade? Esta é a interrogação basilar!

A resposta depende de muitos fatores e há muitos aspetos a explorar. Gostaria de evocar alguns deles, como estímulo para o vosso maior aprofundamento.

* Há que aprofundar o tema delicado e estratégico da responsabilidade pelas decisões tomadas com o uso da IA; este aspeto interpela vários ramos da filosofia e do direito, bem como disciplinas mais específicas.

* É preciso identificar incentivos oportunos e uma regulamentação eficaz, por um lado a fim de estimular a inovação ética útil para o progresso da humanidade e, por outro, a fim de evitar ou limitar os efeitos indesejáveis.

- * Todo o mundo da educação, da formação e da comunicação deveria iniciar um processo coordenado para aumentar o conhecimento e a sensibilização para a utilização correta da IA e para transmitir às novas gerações, desde a infância, a capacidade crítica em relação a estes instrumentos.
- * É necessário avaliar os efeitos da IA no mundo do trabalho. Convido os membros da Fundação *Centesimus Annus* e quantos participam nas suas iniciativas a agir, nos respetivos âmbitos, para solicitar um processo de requalificação profissional e a adoção de formas que facilitem a recolocação das pessoas despedidas noutras atividades.
- * É preciso analisar atentamente os efeitos positivos e negativos da IA no campo da segurança e da privacidade.
- * Devem ser considerados e aprofundados os efeitos sobre a capacidade relacional e cognitiva das pessoas e sobre os seus comportamentos. Não podemos aceitar que tais capacidades sejam reduzidas ou condicionadas por um instrumento tecnológico, ou seja, por quantos o possuem e utilizam.
- * Para concluir — mas este elenco não tenciona ser exaustivo — é preciso recordar o enorme consumo de energia necessário para desenvolver a IA, enquanto a humanidade enfrenta uma delicada transição energética.

Caros amigos, é na frente da inovação tecnológica que se jogará o futuro da economia, da civilização, da própria humanidade. Não devemos perder a ocasião de pensar e agir de modo novo, com a mente, o coração e as mãos, a fim de orientar a inovação para uma configuração centrada no primado da dignidade humana. Isto é inquestionável! Uma inovação que promova o desenvolvimento, o bem-estar e a convivência pacífica, protegendo os mais desfavorecidos. E isto exige um ambiente regulamentar, económico e financeiro que limite o poder de monopólio de poucos e permita que o desenvolvimento beneficie toda a humanidade.

Por isso, espero que a *Centesimus Annus* continue a abordar este tema. Congratulo-me com o lançamento da segunda investigação conjunta entre a Fundação e a Aliança Estratégica das Universidades Católicas de Investigação (SACRU) sobre “A Inteligência artificial e o cuidado da casa comum: atenção aos negócios, às finanças e à comunicação”, coordenada pela Senhora Tarantola. Por favor, mantende-me informado sobre isto! E termino com uma provocação: temos a certeza de que queremos continuar a chamar “inteligência” àquilo que *não é* inteligência? É uma provocação! Pensemos nisto e perguntemo-nos se o uso impróprio desta palavra tão importante, tão *humana*, não é já uma rendição ao poder tecnocrático.

Abençoo-vos e desejo-vos todo o bem para as vossas atividades. Continuai a trabalhar com coragem, arriscaí! E peço-vos, por favor, que rezeis por mim. Obrigado!
